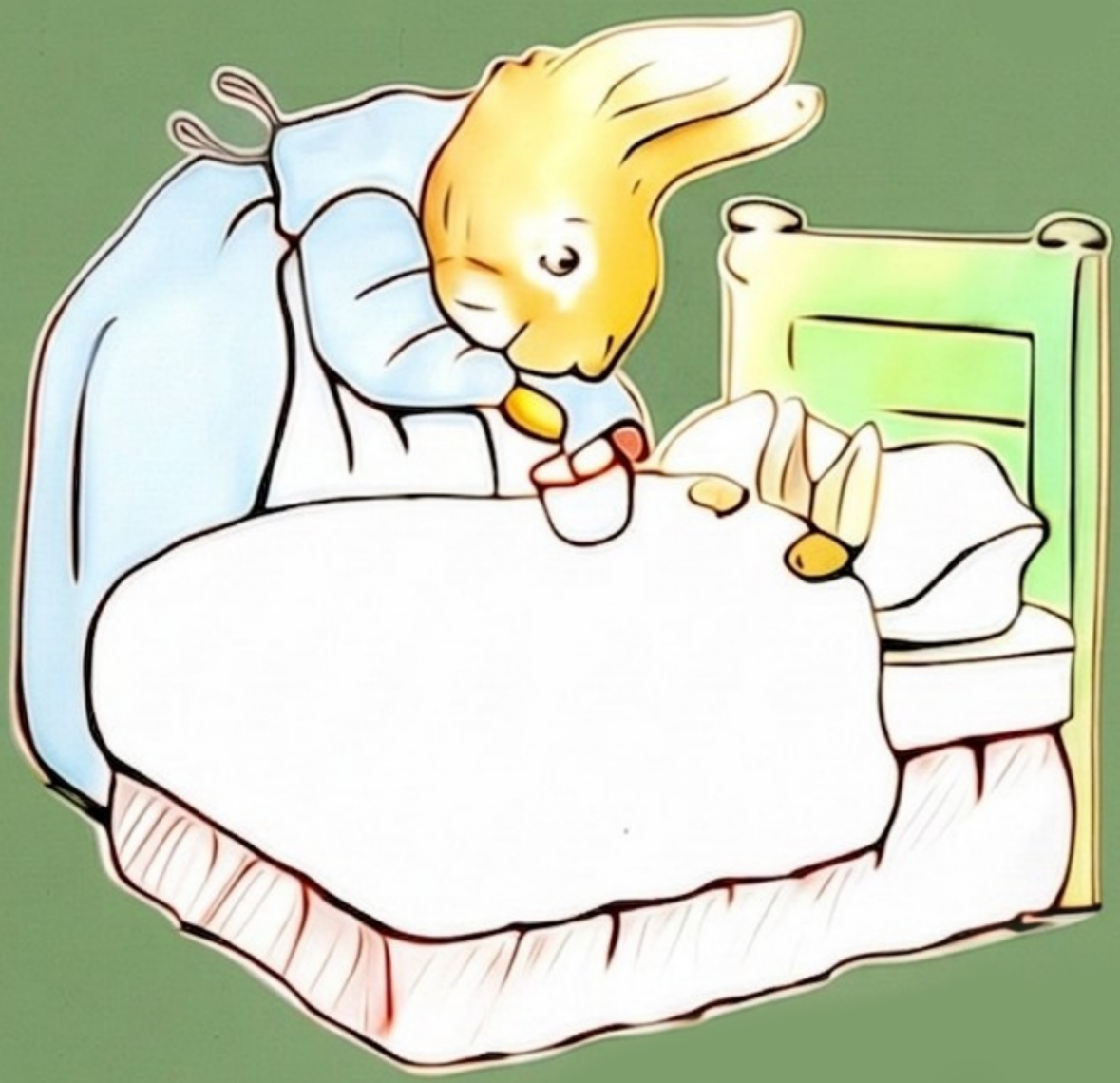
O CONTO DE PETER COELHO



BEATRIX POTTER

Tradução e edição

CIDICLEI MEDEIROS

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: O Conto de Peter Coelho
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026
Salvador – BA – Brasil
Publicação independente

https://www.imagismo.com.br/início

O Conto de Peter Coelho

Beatrix Potter

Texto Original: Project Gutenberg

Língua Original: Inglês (1902)

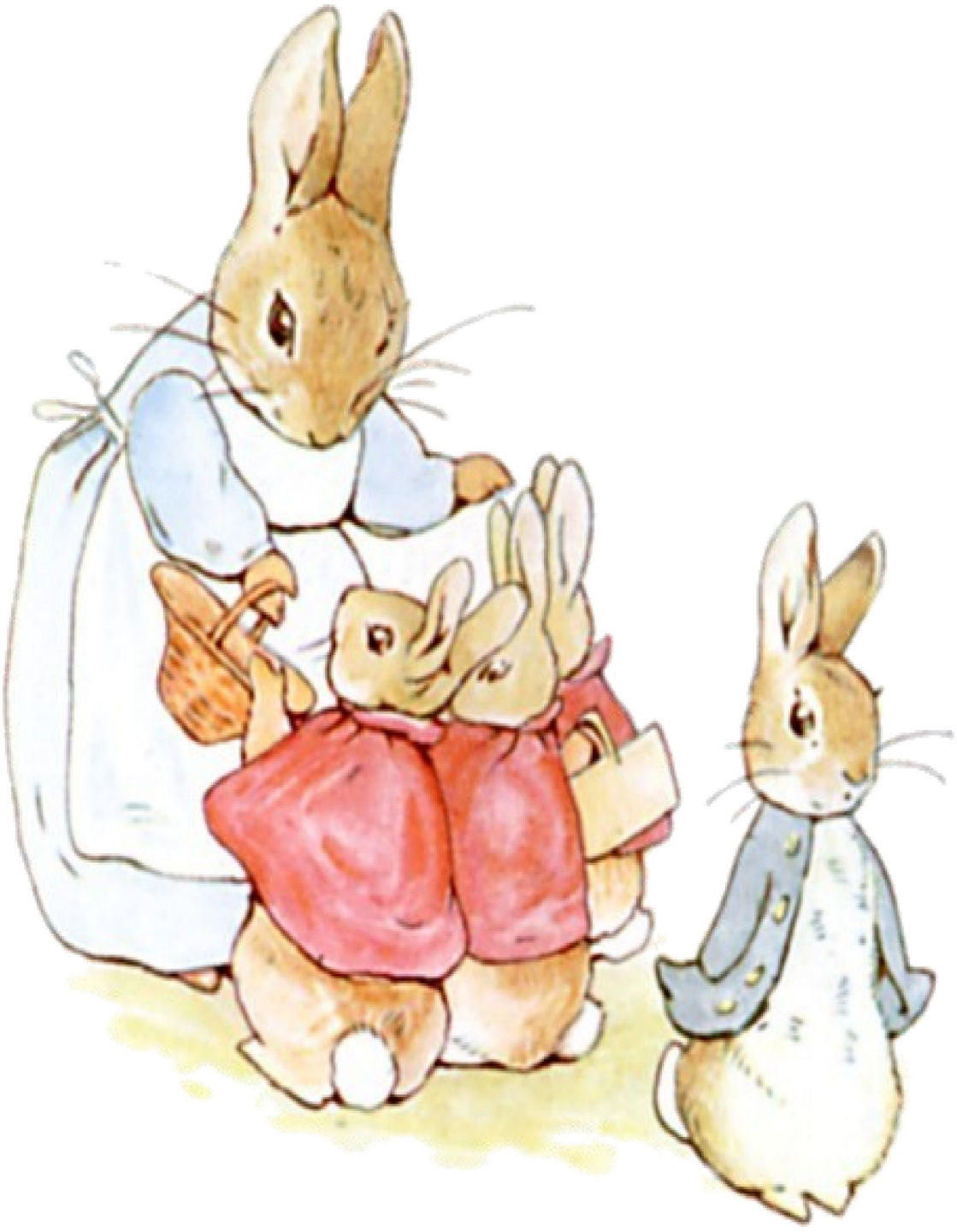
Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros

Beatrix Potter (1866–1943) foi uma influente escritora, ilustradora e naturalista britânica, imortalizada por seus contos infantis. Sua obra mais famosa, The Tale of Peter Rabbit (1902), foi um sucesso imediato, unindo aquarelas botânicas a uma narrativa cativante. Autodidata em micologia e desenho científico, Potter utilizou o lucro de seus livros para se tornar uma próspera fazendeira na região de Lake District. Lá, dedicou-se à criação de ovelhas da raça Herdwick e à conservação ambiental. Pioneira, patenteou o primeiro boneco de Peter Rabbit, tornando-se também uma visionária no licenciamento de personagens. Ao falecer, doou vastas extensões de terra ao National Trust, garantindo a preservação das paisagens naturais que inspiraram seu legado literário e artístico.

Era uma vez quatro coelhinhos, cujos nomes eram: Flopsy,
Mopsy,
Cotton-tail,
e Peter.

Eles viviam com a mãe deles em um banco de areia, sob as raízes de um pinheiro de grandes proporções.



— Agora, crianças — disse a velha Sra. Coelho, certa manhã —, podem ir aos campos ou descer pelo caminho, mas não entrem no jardim do Sr. McGregor. O pai de vocês sofreu um acidente naquele lugar; a Sra. McGregor o transformou em uma torta.

— Agora, tratem de ir e não se metam em travessuras. Eu preciso sair.

Então, a velha Sra. Coelho tomou uma cesta e o guarda-chuva, atravessando o bosque em direção à padaria. Lá, comprou um pão de forma integral e cinco pães doces de groselha.

Flopsy, Mopsy e Cotton-tail, que eram coelhinhos muito obedientes, seguiram pelo caminho para colher amoras-pretas.

Mas Peter, que era muito traquino, correu sem demora para o jardim do Sr. McGregor e esgueirou-se por baixo do portão!

Primeiro, ele saboreou algumas alfaces e feijões-verdes; depois, passou aos rabanetes.

E então, sentindo-se bastante enjoado, foi à procura de um pouco de salsa.

Contudo, ao dobrar o canteiro de pepinos, quem haveria de encontrar senão o Sr. McGregor!

O Sr. McGregor estava de joelhos, a plantar mudas de repolho; mas pôs-se de pé num salto e perseguiu Peter, brandindo um ancinho e bradando: — Pare, ladrão!

Peter ficou terrivelmente assustado; correu por todo o jardim, pois havia esquecido o caminho de volta para o portão.

Ele perdeu um dos sapatos entre as batatas e o outro entre as couves.

Após perdê-lo de vista, ele passou a correr sobre as quatro patas e acelerou de tal forma que creio que teria escapado por completo, se não tivesse, infelizmente, colidido com uma rede de groselhas, ficando preso pelos grandes botões do casaco. Era uma peça azul com botões de latão, ainda muito nova.

Peter deu-se por vencido e derramou abundantes lágrimas; contudo, os soluços foram ouvidos por alguns pardais amigáveis, que voaram em sua direção com grande agitação, implorando que não desistisse.

O Sr. McGregor surgiu com uma peneira, pretendendo lançá-la sobre Peter; mas o coelhinho desvencilhou-se a tempo, deixando o casaco para trás.

Correu para o galpão de ferramentas e saltou para dentro de um regador. Teria sido um esconderijo perfeito, se não estivesse tão cheio de água.

O Sr. McGregor estava convicto de que Peter se encontrava no galpão de ferramentas, talvez oculto sob um vaso de flores. Começou a virá-los com cautela, espreitando por baixo de cada um.

Subitamente, Peter espirrou: — Atchim!

No momento seguinte, o Sr. McGregor estava sobre ele.

Ele tentou pisar sobre Peter, que saltou por uma janela, derrubando três vasos de plantas. A abertura era pequena demais para o Sr. McGregor, que já se sentia exausto de perseguir o coelhinho. Assim, ele desistiu e retornou ao seu trabalho.

Peter sentou-se para descansar; estava ofegante e tremia de medo, sem ter a menor ideia de que direção tomar. Além disso, sentia-se muito úmido por ter permanecido dentro daquele regador.

Passado algum tempo, ele começou a perambular, movendo-se com cautela, nem muito depressa, nem muito devagar, observando tudo ao redor.

Ele encontrou uma porta no muro; contudo, estava trancada e não havia espaço para um coelhinho rechonchudo se espremer por baixo.

Uma camundonga idosa corria de um lado para o outro sobre a soleira de pedra, carregando ervilhas e feijões para sua família na floresta. Peter perguntou-lhe o caminho para o portão, mas ela levava uma ervilha tão grande na boca que não conseguiu responder; limitou-se a balançar a cabeça negativamente. Peter começou a chorar.

Em seguida, ele tentou encontrar o caminho direto através do jardim, mas sentia-se cada vez mais desorientado. Logo, chegou a um tanque onde o Sr. McGregor costumava encher os regadores. Uma gata branca observava fixamente alguns peixinhos dourados; permanecia imóvel, muitíssimo quieta, mas de vez em quando a ponta da cauda tremelicava, como se tivesse vida própria. Peter julgou mais prudente partir sem falar com ela; ouvira histórias sobre gatos de seu primo, o pequeno Benjamin Bunny.

Ele retornou em direção ao galpão de ferramentas, mas subitamente, muito próximo, ouviu o ruído de uma enxada — escrich, escrach, escrach, escrich. Peter esgueirou-se para debaixo dos arbustos. Todavia, como nada aconteceu após algum tempo, ele emergiu, subiu em um carrinho de mão e espiou por sobre a borda. A primeira coisa que avistou foi o Sr. McGregor capinando cebolas. Ele estava de costas para Peter e, logo adiante, estava o portão!

Peter desceu do carrinho de mão sem fazer o menor ruído e desatou a correr com toda a velocidade de que era capaz, seguindo por uma trilha retilínea por trás de alguns arbustos de groselhas negras.

O Sr. McGregor avistou-o na curva, mas Peter não se deteve. Escorregou por baixo do portão e, finalmente, estava em segurança no bosque, fora dos domínios do jardim.

O Sr. McGregor pendurou o casaco e os sapatos para servir de espantalho, na esperança de afugentar os melros.

Peter não cessou a corrida nem olhou para trás até alcançar a segurança de seu lar, sob a sombra do grande pinheiro.

Ele estava tão exausto que se prostrou sobre a areia macia do chão da toca e cerrou os olhos. Sua mãe estava ocupada com os afazeres da cozinha; ela se perguntava o que ele teria feito com as roupas. Era o segundo casaco e o segundo par de sapatos que Peter perdia em apenas quinze dias!

Lamento informar que Peter não se sentiu muito bem durante a noite.

Sua mãe colocou-o na cama e preparou um chá de camomila, do qual administrou uma dose ao filho, recomendando:

— Deve-se tomar uma colher de sopa antes de dormir.

Já Flopsy, Mopsy e Cotton-tail tiveram um banquete de pão, leite e amoras silvestres.

FIM